



O USO DA CONVERSAÇÃO E SARAU POÉTICO PARA A TESSITURA DE UM SABER SOBRE O ENVELHECIMENTO

Emanuella Oliveira Diniz Lins ¹

Erilânia Ferreira Mendes ²

Karynna Magalhães Barros da Nóbrega ³

RESUMO

A oportunidade de participar de um programa de monitoria acadêmica especificamente na disciplina de Genealogia e Constituição da Subjetividade III: IDOSO perpassa o desafio de despertar, sobre a velhice e o envelhecimento aos discentes do curso de psicologia do quarto período, o desejo pelo saber, especificamente o que é o velho e a velhice, e quais os desafios enfrentados pelos sujeitos buscando ressaltar a singularidade dos casos e a importância do Outro social durante a travessia da velhice. O presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência da monitoria de Genealogia e Constituição da Subjetividade III: Idoso, ministrada no curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande, na vigência de 2021.1. Desenvolvida durante o período atípico de pandemia, fez-se necessário reinventar-se a sala de aula, a princípio ao utilizar das ferramentas digitais e momentos de encontro virtual com a classe, para fazer circular a palavra sobre algo que perpassa a temática da velhice e estava a nos inquietar também dada a pandemia: o real, o corpo, o tempo e o Outro social. Por meio dos encontros virtuais e das trocas de textos, poemas e postagens, indicação e discussão de obras literárias e cinematográficas, notícias, músicas e vídeos. O uso da conversação e Sarau poético como um dispositivo de aposta na palavra como um saber fazer com o real, tornou-se possível construir um ambiente de aprendizado sobre o sujeito do envelhecimento e a importância dos projetos de curta duração e a distribuição da libido em diferentes objetos para um envelhecimento sereno.

Palavras-chave: Velhice, corpo, tempo, Outro social.

INTRODUÇÃO

O Programa de Monitoria é uma ação institucional de incentivo à formação acadêmica, que proporciona aos discentes dos cursos de graduação um espaço de aprendizagem, visando o aprimoramento da formação acadêmica e pedagógica, a melhoria na qualidade do ensino e o desenvolvimento da autonomia e formação dos discentes (UFCG, resolução nº 23/2021). Cada componente curricular oferece a oportunidade de monitoria ao discente tem suas especificidades, e é especialmente interessante notar como o conteúdo, ou seja, o aporte teórico

¹Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, eolidl@hotmail.com;

²Graduanda pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, erilaniafm@gmail.com ;

³Professor orientador: Doutora, Professora adjunta III do curso de Psicologia, Unidade Acadêmica de Psicologia, UFCG, Campina Grande, PB, e-mail: karynna.magalhaes@professor.ufcg.edu.br.



escolhido e as atividades propostas, representam uma experiência sempre nova, tanto para o monitor, ainda que ele já tenha, como exigência, cursado a cadeira, quanto de turma para turma no decurso dos períodos, já que cada uma delas tem sua maneira de acolher o saber que é proposto.

No entanto, durante o momento atípico da pandemia do COVID-19, vivenciada recentemente, modificou-se a forma como cursamos esse período em que pudemos exercer a monitoria, fazendo-se necessária uma postura diferente, e a invenção de algo novo, ou seja, a modificação da nossa relação com aquilo que estava à nossa disposição, para despertar, como preconiza o programa de monitoria, o interesse pelo saber sobre a velhice. Esse trabalho tem por objetivo relatar a experiência de monitoria vivenciada sob essas condições adversas e desafiadoras e especificamente tratar sobre os dispositivos da conversação e o Sarau poético como meios de aposta na palavra e saber fazer com o real.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, de caráter descritivo, advindo da monitoria da disciplina de Genealogia e Constituição da Subjetividade III: Idoso, ministrada no curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande, na vigência 2021.1; desenvolvida durante o período atípico de pandemia. Embasamos o nosso trabalho nas compreensões e conceitos da psicanálise de orientação lacaniana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A disciplina de Genealogia e Constituição da Subjetividade III: IDOSO trata de temáticas caras ao estudo do processo de envelhecimento a partir do aporte teórico da psicanálise de orientação lacaniana, que compreende o sujeito do inconsciente enquanto atemporal, ou seja, apesar da passagem do tempo cronológico claramente ser perceptível nas marcas do corpo e no conseqüente declínio da vitalidade, o desejo não envelhece (MUCIDA, 2006). A cadeira tem como principal pilar fazer acontecer uma invenção necessária para que a disciplina se torne viva. Para isso, a maioria das atividades exercidas pelas monitoras faz uso da conversação, das estratégias metodológicas de participação ativa e dos embasamentos realizados pelo patrono brasileiro da educação, Paulo Freire. Esses são os principais dispositivos usados para transmitir o desejo de saber aos alunos.

Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (1987) esclarece,



Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos. (Freire, 1987, p. 46)

Desse modo, a proposta do cronograma curricular se apresenta de maneira contrária a uma educação bancária, tal qual Paulo Freire conceitualiza, em que somente o professor detém o conteúdo para repassar, e indo ao encontro disso, as atividades são pensadas de maneira que o aluno se torne pessoa ativa no processo de transmissão e partilha do conhecimento.

De início, faz-se a diferenciação entre que é o velho, a vivência particular ou singular do processo de envelhecimento, e a velhice, uma categoria que suscita a impossibilidade de definição, já que, como toda vivência, é da ordem do um a um, mas nos serve para pensar o que costuma ser comum aos que vivenciam essa fase da vida. Em um segundo momento, pensamos os desafios enfrentados pelos sujeitos, já que a categorização do envelhecer na compreensão generalista do que deve ser a velhice acaba por suscitar dificuldades ao tentar ressaltar a singularidades de cada um, principalmente frente ao Outro social, que, muitas vezes não legitima esse lugar de diferença radical.

Outra compreensão interessante e cara à nossa compreensão de velhice é o medo da morte, que pode vir a ser um dos traços dessa fase da vida. Para a psicanálise, o medo da morte é o medo da perda do desejo, como bem descreve Ângela Mucida na obra *O sujeito não envelhece* (2006, p. 143): “[...] se o inconsciente desconhece a morte, ela é, contudo, do ponto de vista da perda, algo efetivo, real; um acontecimento diante do qual o sujeito não encontra palavras, demandando o simbólico como tratamento possível.” Isto é, apesar de não existir a morte para o inconsciente, que é atemporal, há algo que é perdido, e se teme perder, que é a possibilidade de desejar. É comum na cadeira utilizarmos do simbólico, como indicado por Ângela Mucida, para dar tratamento possível ao medo dessa perda, seja discutindo a literatura e escrevendo, em oficinas temáticas, ou em conversações, compartilhando criações artísticas e textos que permeiam as temáticas trabalhadas na sala de aula.

No entanto, atipicamente, o momento de afastamento social e reclusão causado pela pandemia da COVID-19 durante o período em que exercemos as atividades da monitoria de forma remota, fez-se necessário reinventar-se a sala de aula, a princípio ao utilizar das ferramentas digitais e momentos de encontro virtual com a classe, para fazer circular a palavra sobre algo que perpassa a temática da velhice e estava a nos inquietar também dada a pandemia: o real, o corpo, o tempo e o Outro social.



Então, assim como presencialmente costumávamos perceber, esses dispositivos e atividades que vão além da metodologia comumente proposta de aulas discursivas e horizontalizadas, visto que, não apenas chamam a atenção dos discentes, mas os permitem sentir-se parte da criação da aula, fomentando o desejo, especificamente nessa cadeira, pelo saber sobre o envelhecer e conseqüentemente, sobre o seu próprio envelhecimento.

Nossa experiência perpassa a continuidade de atividades que já eram propostas presencialmente nos encontros virtuais, como, por exemplo, antes de começar qualquer aula, um aluno fica responsável por realizar uma busca ativa de algo para apresentar a turma que possua ligação com o tema trabalhado no dia, pode ser uma notícia, uma música, poema, conto ou até mesmo uma história popular, isso fica a critério do próprio discente. Além disso, as aulas partem de uma espécie de tema gerador tal qual propôs Paulo Freire em que primeiro se pergunta o que os alunos já sabem sobre determinado assunto, de modo que assim possa emergir um saber inédito e singular. Assim compreende-se que,

A educação autêntica, repetamos, não se faz de “A” para “B” ou de “A” sobre “B”, mas de “A” com “B”, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação. (Freire, 1987, p. 58)

Dessa escolha espontânea por parte do discente, essa partilha de um “achado” sobre a velhice, suscita a curiosidade ou o desejo de compartilhar com a turma algo que o atravessou, dando início à aula de forma muito particular.

Outra permanência muito proveitosa é a escrita da carta ao “Eu de 80 anos” permitindo que simbolicamente se dê um contorno literal através das letras ao desejo de envelhecer, suscitando os questionamentos sobre o que se compreende como sujeito velho atualmente, os percalços e vicissitudes, mas principalmente aquilo que se espera da vida, aquilo que se deseja. Para fazer circular a palavra quanto a estas produções, utilizamos o dispositivo da conversação, muito caro à psicanálise e importante em vários momentos da cadeira. Em relação ao uso da conversação, parte tanto da perspectiva psicanalítica que se define como:

A Conversação é uma metodologia de orientação psicanalítica que se refere a uma aposta: não há sucesso garantido. Laurent destaca que a primeira aposta que se faz nessa prática é a de “saber que, quando falamos, deixamos de ficar aliviados” (...) Uma Conversação ocorre quando há um corte que promove um desajustamento das identificações nas quais os sujeitos se encontram alojados. Nesse sentido, a associação livre coletivizada que se propõe no dispositivo não equivale a uma roda livre para “dar um suplemento de alma ao mundo técnico” (LAURENT, 2017, p. 47).



E a partir disso, adaptamos a realidade da docência na universidade, advertidos de que a conversação é um dispositivo que não é próprio da psicanálise, pelo contrário, é um aparato que circula em muitas áreas do conhecimento e tem como origem a filosofia. A conversação incorpora o clichê da significação da palavra: conversa+ação, isso não significa que, diante da conversa, tem-se, imediatamente, uma ação propriamente dita, mas que há um efeito de trabalho diante da palavra que é posta em circulação. Para a psicanálise, a conversação tem sua potência no que pode se transformar a partir da uma fala. Para Ana Lydia Santiago (2018), uma pesquisadora referência no que tange a utilização da conversação no espaço escolar, a conversação é como a prática das palavras, em que se passa da queixa às invenções inéditas.

Embasadas na ferramenta da conversação usada em diversos grupos dentro do campo da psicanálise, principalmente no contexto escolar, incorpora-se às estratégias propostas as bases das metodologias ativas de participação. Claro que tal interseção não é feita de modo irresponsável, pois sabe-se que a conversação é, verdadeiramente, um dispositivo de caráter clínico, porém, o seu uso dentro da disciplina é feito de modo a liberar os alunos a uma associação livre para que as palavras circulem de modo que a transmissão do saber se dê por uma certa temporalidade que se exige quando o assunto é a velhice na ordem do inconsciente.

Christian Dunker em seu livro *Paixão da Ignorância - A escuta entre a psicanálise e a educação* (2020), dedica um capítulo para pontuar esclarecimentos acerca da formação do desejo de saber. Nesse texto, Dunker elucida que para a psicanálise a transmissão do saber está intimamente relacionada à transferência, em outras palavras, a transmissão do saber diz de algo do inconsciente. Um exemplo disso, é em uma escola que sempre existe um professor que é o querido dos alunos, ao observar esse fenômeno, sabe-se que, na maioria das vezes, esse professor está implicado não só na aplicação de uma técnica de aprendizagem que gere resultados positivos, mas encontra-se, com efeito, envolvido com o seu próprio processo de elucidação com o saber.

Acerca das contribuições de Dunker e fazendo correlação com a disciplina o que se observa no decorrer das aulas é que a parceria entre professora e monitoras faz com que a monitoria salte de uma posição somente facilitador de aprendizagem e se coloque, juntamente com a turma e com a professora, como lugar de invenção dentro da disciplina. Além disso, na monitoria há um sério trabalho de pesquisa que ocorre concomitante às atividades, o que demonstra que a equipe está implicada quanto ao desejo de saber acerca da temática.

Desse modo, é visível como as aulas e o próprio cronograma curricular se torna diverso e dinâmico de acordo com desejamos transmitir para os discentes, não só transmitir, mas facilitar a tarefa criativa de algo se produzir diante de tal transmissão. Essa produção diz



respeito a uma execução singular, na qual cada sujeito irá, artesanalmente, no sentido que se trata de uma tessitura, desenvolver algo, seja escrito, desenhado ou falado, que dê conta de simbolizar as afetações que a disciplina provocou.

Quanto às metodologias participativas, parte-se dos pressupostos de Paulo Freire em que ele esclarece que o sujeito deve partir de sua própria realidade e posição em direção a um protagonismo em busca de um saber. Nesse sentido, busca-se materiais que possam dinamizar os conteúdos programados e também fazer com que a disciplina tenha uma perspectiva mais ampla ao tratar o tema da velhice. Assim, toma-se como base para a disciplina a obra de Ângela Mucida (2009), *Escrita de uma memória que não se apaga* e a de Délia Catullo (1998), *Corpo, tempo e envelhecimento*.

Entre o percurso dessas duas obras, intercala-se com discussão de filmes, documentários, literatura e oficinas. No plano de execução da disciplina, acredita-se que a arte passa a ser ponto de partida para apreensão de alguns conceitos, assim como são possíveis geradores de discussões e problematização dos temas que perpassam o campo de estudo do envelhecimento. Os recursos artísticos dizem respeito a um estatuto de invenção que antecede, inclusive, ao discurso científico e ao discurso da psicanálise. A tarefa de ver o mundo pelas belezas propostas pela arte é uma característica do que se propõe à disciplina de idoso no curso da UFCG. Seja qual for a arte, nela existe uma sublimação em que resiste um caráter subversivo de insistência na vida.

Assim, no período vigente de monitoria foram realizadas oficinas, primeiramente, a oficina: “Tecer a escrita de um corpo” em que foi discutida a contribuição da cartunista Laerte à partir do documentário “Laerte-se”, a oficina teve inicialmente a discussão do documentário. Em seguida, havia vários desenhos de pedaços de corpos recortados em que os discentes foram convidados a criar colagens, desenhos e cartazes com base na discussão e na contribuição dos cartoons da Laerte. Além desse, houve alguns debates a partir de filmes, tais quais *The Wife* (2017); *Um Senhor Estagiário* (2015) e *The Father* (2020).

Outro momento da disciplina foram as oficinas de literatura em que relaciona conceitos vistos no conteúdo da cadeira com as passagens de livros que tornaram possível visualizá-los na prática, em outras palavras, no texto escolhido, reconhecendo o encontro cheio de possibilidades que existe entre a psicanálise e a literatura, propusemos conversações sobre ambas, utilizando da clássica obra ‘*O velho e o mar*’, do Ernest Hemingway, contando sobre um velho marinheiro com olhos que não envelhecem: “Tudo o que nele existia era velho, com exceção dos olhos, que eram da cor do mar, alegres e indomáveis” (p.17); ‘*Memória de Minhas Putas Tristes*’ de Gabriel García Márquez (2005), em que o autor revela, por exemplo: “Na



minha idade, cada hora é um ano” (p. 08); “A verdade é que as primeiras mudanças são tão lentas que mal se notam, e a gente continua se vendo por dentro como sempre foi, mas de fora os outros reparam” (p. 13); *Cem anos de solidão* (2019) do mesmo autor, em que o narrador afirma que a velhice não passa de um honroso pacto com a solidão.

Com base no efeito da oficina de literatura foi proposto e bem aderido a oficina: Peças Soltas que consistiu em um espaço-tempo para liberar a escrita. Foram separados trechos e frases dos livros citados no percurso da disciplina e cada aluno ficou com um pedaço de texto como ponto de partida para sua escrita, a partilha da escrita e de como se sentiu com a experiência ficou a critério de cada um, mas muitos compartilharam de seus pensamentos escritos. Outra atividade realizada, foi a leitura do conto de Conceição Evaristo “O cooper de Cida” presente no livro *Olhos d’água* (2006) com intuito de pensar a velhice negra, assim como a lógica do espaço tempo na vida cotidiana.

Para finalizar a cadeira, o momento proposto foi o Sarau poético, onde pusemos expor novamente, criações artísticas próprias, as mais diversas, conversar sobre o acontecimento e andamento da cadeira e pensar a arte enquanto um caminho possível para produzir algo sobre a vida e o envelhecer. Trata-se de um dispositivo de aposta na palavra como um saber fazer com o real, que naquele momento estava presente de muitas formas, mas principalmente pela morte, que perpassa a compreensão da brevidade do tempo para o sujeito idoso, mas no mundo, frente à pandemia, perpassa muito duramente a todos. Foi construída coletivamente e compartilhada uma playlist temática em que todos puderam contribuir, foram lidos poemas autorais e poemas de grandes autores, alguns interpretaram canções tocando e cantando e partilhamos vivências sobre a velhice que acontece com os que amamos e a velhice que passamos a desejar porque descobrimos a existência dessa possibilidade para nós a partir das discussões suscitadas ao longo da cadeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Possibilitamos dessa forma, juntos, mesmo em meio ao momento difícil e do apartamento social vivenciado, uma transmissão do conhecimento sobre a velhice e a construção um ambiente de troca de aprendizado sobre o sujeito no envelhecimento, defendendo que este deve ser sujeito do seu próprio envelhecimento. Inventando, ou seja, criando com aquilo que já existe, algo novo, propusemos atividades das mais diversas e interativas, buscando suscitar a importância dos projetos de curta duração ao pensar a finitude e a distribuição da libido em diferentes objetos para um envelhecimento sereno, e acabamos,



mesmo sem planejar exatamente isso, porque foi da ordem contingente, ofertando um local em que foi possível se falar sobre a angústia do momento vivenciado, em que o real da morte nos rondava tal qual durante o avanço do processo de envelhecimento. Fizemos então com este momento o que foi possível: fizemos arte.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. **Menino do mato**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2015

DUNKER, C. **Paixão da ignorância: escuta entre Psicanálise e Educação**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1º ed.. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016..

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOLDFARB, Delia Catullo. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

HEMINGWAY, E. (1952). **O velho e o mar**. 80º. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil LTDA, 2013.

LAERTE-SE. Brasil: Lygia Barbosa e Eliane Brum, 2017.

LAURENT, E. (2017). “Retomar a definição do projeto do CIEN e examinar sua situação atual”. Brown, N.; Macedo, L.; Lyra, R. In: **Trauma, Solidão e Laço na Infância e na adolescência**. BH: EBP, 2017.

MÁRQUEZ GARCÍA .G. **Memórias de minhas putas tristes**. 12º. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MÁRQUEZ GARCÍA .G. **Cem anos de solidão**. 112º. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

MUCIDA, Ângela. **Escrita de uma memória que não se apaga: Envelhecimento e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTIAGO, A. L. **O que esse menino tem? Sobre alunos que não aprendem e a intervenção da psicanálise na escola**. Belo Horizonte: Editora Sintoma, 2015.

THE Wife. Estados Unidos: **Sony Pictures Classics**, 2018.

THE Father. Estados Unidos: **Sony Pictures Classics**, 2020.

THE intern. Estados Unidos: **Warner Bros Pictures**, 2015.

UFCG. Universidade Federal de Campina Grande. Resolução nº 23, de 2021. **Regulamenta o Programa de Monitoria da Universidade Federal de Campina Grande, conforme Art. 111**



da Resolução CSE/UFCG N° 26/2007. Disponível em: < [UFCG publica resolução que regulamenta o Programa de Monitoria](#) >. Acesso em: 08 ago. 2022.

